

Covas reafirma que é candidato a Líder do PMDB na Constituinte

BRASÍLIA — O Senador Mário Covas (SP) recusou o apelo feito pelo Presidente Nacional do PMDB, Deputado Ulysses Guimarães, para que se evite a disputa pela liderança do partido na Constituinte e reafirmou ontem que concorrerá ao cargo. Na disputa está também o Líder do PMDB na Câmara, Deputado Luiz Henrique.

— Sou candidato e acho que tenho algumas credenciais para isso. Afinal, também tenho um pouco de história neste partido — disse Covas, o Senador mais votado da história do País com quase oito milhões de votos.

A disputa pela liderança do PMDB na Constituinte mais uma vez expõe o PMDB a divisões, segundo entende Ulysses Guimarães. Foi com esse discurso que ele participou de uma reunião com o Líder Luiz Henrique e os coordenadores de bancadas estaduais, na noite de segunda-feira.

Ulysses ponderou que a disputa deveria ser evitada, pois o perdedor, de todo o modo, sairia "arranhado". De um lado, o Senador mais votado do partido; e do outro, o Líder na Câmara, que perderia sua sustentação política caso não recebesse novo apoio dos deputados.

— Essa eleição é uma temeridade. Temos que cuidar do partido neste momento em que muitas peças se voltam para tentar dividir o PMDB — teria dito ele na reunião, segundo um dos presentes.

Antes, Ulysses havia chamado a seu Gabinete o Senador Mário Covas, para expor-lhe a mesma preocupação: o risco de divisão do partido. Foi uma conversa dura, e Covas refutou um a um os argumentos apresentados por Ulysses. Ele lembrou que a disputa agora é interna, ou seja, não envolve outros partidos, ao contrário da eleição para a Presidência da Câmara, que o próprio Ulysses disputou com o Deputado Fernando Lyra (PMDB-PE) buscando votos de outros partidos.

Em declarações à imprensa, Ulys-



ses Guimarães diz que a disputa pela liderança do PMDB na Constituinte é normal, democrática, e observa que disputa sempre ocorreu, como por exemplo para a escolha do Líder do partido na Câmara, quando se apresentaram quatro candidatos.

Ele busca ainda, conforme disse, "o entendimento entre os candidatos", e só não decidiu como convocar o partido para resolver o assunto porque os postulantes não responderam conclusivamente se manterão suas candidaturas. Covas garante que seu nome será levado aos constituintes e Luiz Henrique já anunciou aos coordenadores de bancadas estaduais que renunciará à liderança do PMDB na Câmara se perder a disputa para Covas.

— Não me candidatei a Líder para ter um gabinete maior e um carro — disse Luiz Henrique, na reunião em que Ulysses chamou a atenção para o risco de divisão do partido.

Ulysses tem sido acusado por partidários de Covas de estar favorecendo Luiz Henrique na disputa. Ontem ele refutou a crítica afirmando que quem o conhece sabe que mantém "a isenção que o cargo exige".

Na intimidade, o Senador Mário Covas tem reclamado do comportamento de Ulysses. Deputados do PMDB paulista afirmam que em dezembro Covas e Ulysses tiveram um encontro, no qual o Senador manifestou seu desejo de liderar o partido na Constituinte, tendo Ulysses concordado com a idéia.

Como parte desse acordo, foi eleito Líder do PMDB no Senado Fernando Henrique Cardoso (uma vez que Covas não entraria na disputa). Mas, procurado por Covas um dia após sua eleição para a Presidência da Constituinte, Ulysses evitou o assunto. E só agora o retomou, alertando para a necessidade de se evitar uma disputa.

Ulysses disse que a questão da liderança na Constituinte será decidida "pelas lideranças, pelo partido, em momento oportuno". Já o Líder do Governo no Congresso, Deputado Carlos Sant'Anna, defende o revezamento entre os Líderes das bancadas na Câmara e no Senado.

Covas é contrário à idéia. Acha que "a luta na Constituinte é independente do Governo" e, inevitavelmente, os Líderes na Câmara e no Senado têm o Governo como divisor de águas.

— A Constituinte é mais permanente do que o Governo — disse.

Partidários da campanha de Mário Covas à liderança na Constituinte vêem como pano de fundo da disputa um componente da sucessão Presidente Sarney. Aos candidatos potenciais, entre eles Ulysses Guimarães, não interessa o sucesso de Covas na liderança, pois coloca em risco sua candidatura, considerada até agora "natural" dentro do partido.

— Ter oito milhões de votos nem sempre é bom. E um grande concorrente — disse um amigo de Covas.

Sant'Anna se considera sintonizado com Sarney

BRASÍLIA — "Absoluta sintonia" com o Presidente Sarney e confiança na própria capacidade de articulação política: estas são as armas com que o Líder do Governo, Carlos Sant'Anna, pretende enfrentar as dificuldades que vêm surgindo no exercício da função.

Nos últimos dias, Sant'Anna foi atropelado mais de uma vez por políticos da bancada da Maioria, sob sua coordenação. Ele diz que "já esperava" por isso e sabe que seus problemas não terminaram aí, e poderão até tornar-se maiores.

Nesta segunda-feira, Sant'Anna foi ibalroado pelo Presidente da Constituinte, Ulysses Guimarães, pelo Líder do PMDB, Luiz Henrique, e, em outro episódio, pelo Líder do PFL, José Lourenço. Luiz Henrique telefonou ao Ministro Dilson Funaro, a pedido de Ulysses, para cancelar o en-

contro com a bancada do PMDB, sem consultar Sant'Anna. Ontem, os dois apresentaram desculpas ao Líder do Governo, a quem garantiram que não houve intenção de minimizá-lo. Já Lourenço apareceu numa entrevista na televisão dizendo que fora "por inspiração" de Sant'Anna que apresentara emenda ao Regimento anulando o acordo tecido pelo Líder com o grupo "Pró-Soberania", o que causou grande confusão. Sant'Anna desmentiu, dando outra versão de sua conversa com Lourenço. "Eu já esperava por isso. E que estou na frente. O objetivo não sou eu necessariamente, mas sim me tirar do caminho", comenta Sant'Anna.

Aos problemas de Sant'Anna somam-se os comentários e versões, que até agora ninguém assumiu pu-

blicamente, dando conta de que o Presidente estaria insatisfeito com sua atuação. São dados como exemplos o acordo com o grupo "Pró-Soberania" — que Sarney não teria intenção de fazer — e a posição assumida pelo Líder em defesa do parlamentarismo com diretas para Presidente.

— Estou agindo de acordo com o Presidente. Ele me tem dado demonstrações de irrestrita e absoluta confiança. Ele não teria porque hesitar se fosse de forma diferente — diz.

Sant'Anna acha que muitos problemas se devem à novidade de sua função, que ficou e desuso por 20 anos e foi restaurada há apenas 15 dias. Acha que, com o tempo, tudo vai melhorar.

— Estou em absoluta sintonia com o Presidente Sarney — garante.

Planalto nega ligação entre frase do Presidente e crítica de Aureliano

BRASÍLIA — A declaração feita na última segunda-feira pelo Ministro das Minas e Energia, Aureliano Chaves, de que "só um idiota poderia dizer uma coisa dessa", ao responder a uma pergunta se achava que "crítica é traição", nada tem a ver com o pronunciamento do Presidente José Sarney, em cadeia de rádio e televisão na última sexta-feira. A explicação foi dada ontem pelo Secretário de Imprensa do Palácio do Planalto, Frota Netto.

— A abordagem do Presidente na sexta-feira não é contra o direito de crítica, mas contra a deturpação deliberada dos fatos, que pode ser lesiva aos interesses nacionais. Essa foi uma frase clara e evidente do Presidente e não há, portanto, qualquer vínculo entre o contexto da observação do Ministro e o discurso do Presidente — disse Frota Netto.

Segundo o Porta-Voz, Aureliano

Chaves defendeu o direito de crítica, e Sarney também defende.

O próprio Ministro Aureliano Chaves tomou ontem a iniciativa de telefonar ao Presidente Sarney para dar explicações. Na semana passada, Sarney já tinha se irritado com Aureliano, que atribuiu o fracasso do Plano Cruzado à sua transformação "em um programa político-eleitoral".

Segundo assessores de Sarney, alguns integrantes do próprio Governo, incluindo o Ministro Marco Maciel, estão tentando criar um confronto entre o Presidente e Aureliano.

Na interpretação de assessores do Palácio do Planalto, o Ministro Aureliano tenta ganhar espaço com vistas à sucessão presidencial. E denunciavam que o PFL quer romper com o Governo.

Ministro desmente qualquer referência

BELO HORIZONTE — O Ministro Aureliano Chaves explicou ontem à noite que não se referiu ao Presidente José Sarney na entrevista concedida na véspera ao "Jornal do Brasil". Perguntado se concordava que a crítica poderia ser considerada uma traição, Aureliano respondeu: "Só um idiota diria uma coisa dessas".

Ontem, o Ministro das Minas e Energia disse que sua resposta "não tem nada a ver com o Presidente José Sarney". E explicou:

— E preciso ver qual a pergunta que a repórter fez. Respondi de acordo com a pergunta. O Presidente José Sarney sabe perfeitamente das minhas colocações. Não tem problema algum.

Aureliano confirmou que ontem telefonou para Sarney, mas, diante da insistência dos repórteres, querendo saber se havia relação entre o telefonema e a resposta ao "Jornal do Brasil", disse que tratou com o Presidente de assuntos administrativos, como a importação de peças de reposição para centrais térmicas que estão sendo instaladas no Nordeste.

Recusou-se a comentar a entrevista do Governador eleito de Minas Gerais, Newton Cardoso, em Brasília, segundo a qual Aureliano deveria ser mais "ético" em relação ao Governo. "Amanhã (hoje) vou me encontrar com ele na Associação Comercial", disse. Na ocasião, o Ministro assinará convênio com a Rede Ferroviária Federal para a construção de um ramal ferroviário em Minas.

Aureliano reuniu-se ontem com dirigentes do PFL mineiro na Assembleia Legislativa. Decidiram apoiar as medidas econômicas do Governo e exigir maior participação.

Líder do Governo afirma na Câmara que declaração exige esclarecimento

BRASÍLIA — "Uma declaração dessas exige um esclarecimento", disse ontem o Líder da Maioria na Câmara, Carlos Sant'Anna, ao tomar conhecimento das afirmações do Ministro Aureliano Chaves, que classificou de "idiota" a afirmação de que "crítica é traição", expressa pelo Presidente José Sarney. Sem entrar no mérito da questão, Sant'Anna afirmou ter certeza de que o Ministro Aureliano iria se manifestar ao Presidente sobre sua declaração até ontem à noite, apresentando as explicações necessárias.

Já o vice-Líder do PMDB, deputado Jorge Uequed, foi mais contun-

dente, afirmando que "o Ministro Aureliano deve ter o direito de criticar o Presidente, mas depois do pedido de demissão do Ministério". Acusou Aureliano de "costumeira fidelidade a seus interesses próprios", criticando o fato de o Ministro não se desfazer do Ministério das Minas e Energia.

— O dr. Aureliano deve voltar a disputar o voto direto e esquecer-se da bioncidade dos últimos 20 anos — disse Uequed.

O Deputado Amaral Netto (PDS-RJ) pediu, da tribuna, uma atitude da Presidência da República contra o Ministro.